
OS CONTOS DE CLARICE LISPECTOR: EXPERIÊNCIAS DE LEITURAS LITERÁRIAS NA SALA DE AULA

Mônica Araujo Trugano¹

Apresentação

A leitura possibilita ao leitor adquirir uma visão crítica do mundo, além de bagagem cultural e expansão dos pontos de vista. A contribuição da leitura para despertar no leitor senso crítico, tornando-o capaz de opinar sobre diversos temas e fatos de nossa sociedade, é inquestionável. Além disso, capacita-o para questionar e propor soluções. Já a escrita faz o indivíduo assumir a posição de autor, sendo protagonista de suas criações.

Entretanto, para que os estudantes obtenham sucesso em suas leituras e que realmente adquiram as habilidades desenvolvidas a partir da leitura e da escrita, é preciso que o professor esteja atento para a metodologia e para os recursos utilizados em sala de aula. Desta forma, segundo os PCN's (1998), "determinados objetivos só podem ser conquistados se os conteúdos tiverem tratamento didático específico. A questão não é apenas qual informação deve ser oferecida, mas, principalmente, que tipo de tratamento deve ser dado à informação que se oferece" (PCN, 1998, p. 65).

Assim, torna-se necessário que o professor considere como as capacidades pretendidas para os estudantes são transformadas em objetivos e em práticas em sala de aula. E, a partir disso, selecionar o tratamento didático que estes devem receber. Assim, o estímulo da leitura só terá êxito na medida em que atender às necessidades dos estudantes. Nesta perspectiva, elaboramos três atividades com os contos "Cem anos de perdão", "Uma esperança" e

¹Pós-graduanda em Literatura Infantil e Juvenil na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); Licenciada em Letras Português - Literaturas também pela UFRJ. m.a.trugano@gmail.com



“Felicidade clandestina”, da escritora Clarice Lispector, a fim de despertar o interesse dos estudantes para a leitura literária e, conseqüentemente, contribuir para a formação do leitor.

Fundamentação teórica

A escolha pela autora Clarice Lispector para as atividades seguiu-se o que recomenda Cosson (2009), que diz ser necessário apresentar aos estudantes as obras do cânone uma vez que “este (...) guarda parte da nossa identidade cultural e não há maneira de se atingir a maturidade do leitor sem dialogar com essa herança, seja para recusá-la, seja para reformá-la, seja para ampliá-la” (COSSON, 2009, pp. 33-34). Desta forma, o professor proporciona aos estudantes um contato com os clássicos que são extremamente significativos para a nação, uma vez que são parte importante da nossa história, cultura e do conhecimento produzido por nossos antepassados.

Para além de propor este contato com essa literariedade particular e com um clássico da literatura brasileira, a escolha pela obra da autora Clarice Lispector se deu também porque esta aborda temas universais, alcançando o interesse da maioria. Clarice Lispector, em seus contos, faz da descoberta do cotidiano uma aventura possível, não se conformando apenas com o relato de acontecimentos cotidianos.

Neles, as ressonâncias dos fatos são mais importantes que os fatos: não trata apenas do externo, mas da reflexão sobre as reações que o externo causa ao interno. Segundo Sá, “a ficção de Clarice Lispector não interpreta o mundo, anseia refleti-lo como “aparece” e na profundidade psicológica, que sua imaginação sonda” (SÁ, 1979, p. 49). Sendo, assim, é uma maneira subjetiva de ver o mundo. Além disso, ela nos mostra

a face oculta do ser, revela-nos o perigo maior que nos espreita no recesso da alienação e nos convoca para, por meio da arte, reconduzir-nos ao rumo certo. Cumpre, desse modo, o destino mais alto da obra de arte: ensina-nos a ver e a compreender o mundo e os seres que nos cercam (SÁ, 1979, p. 49).

A busca pelo autoconhecimento e o sentido da existência costumam despertar o interesse das pessoas. A obra de Clarice Lispector tem uma atmosfera misteriosa, introspectiva e reflexiva, uma vez que não se resume a uma narrativa de acontecimentos, mas



às reações que os acontecimentos cotidianos provocam nas personagens. Desta forma, mergulhamos no interior dessas personagens e descobrimos o outro. E, ao mesmo tempo, nos reconhecemos em suas profundas e constantes angústias e inquietações. Ou seja, também nos descobrimos nesse outro.

Sendo o objetivo das práticas com a literatura despertar o prazer pela leitura e escrita, é preciso trabalhar com textos que provoquem o interesse dos estudantes. O oposto disso pode ocasionar em leituras tediosas que não resultam em boas discussões, além de não incentivá-los para atividades que envolvam leitura e produção textual. Desta forma, o que norteou a seleção dos contos foi o pressuposto de uma provável identificação por parte dos leitores com as personagens de Clarice Lispector, além das situações e dos conflitos vividos por elas.

Algumas considerações apontadas pela psicologia sobre a personalidade de crianças e jovens foram usadas como parâmetros para a elaboração de um perfil de leitor. Para isso, levou-se em consideração o estudo de Richard Bamberger, pesquisador austríaco, que relaciona o desenvolvimento psicológico da criança com seus interesses de leitura. Segundo Bamberger (1987), “o que leva o jovem leitor a ler não é o reconhecimento da importância da leitura, e sim várias motivações e interesses que correspondem à sua personalidade e ao seu desenvolvimento intelectual” (BAMBERGER, 1987, p. 31).

Neste estudo, ele se refere a cinco “fases de leitura”², que correlaciona a faixa etária dos jovens aos seus interesses de leitura. Dessas cinco fases, apenas duas interessam a este trabalho. São elas: *Idade da história de aventura* (de doze a quatorze ou quinze anos) e *Os anos de maturidade* (de quatorze aos dezessete anos). Assim, os jovens de 12 a 15 anos de idade tendem a se interessar mais por histórias que envolvam aventuras, enquanto os de 14 a 17 anos se interessam mais por leituras sobre o conhecimento e entendimento de si. Os estudantes³ do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental, geralmente, se encaixam nessa faixa etária, que abrange a pré-adolescência e a adolescência. São fases em que o indivíduo toma conhecimento da própria personalidade e o interesse pelo mundo exterior é substituído pelo

² Idade dos livros de gravuras (de dois a cinco ou seis anos), Idade do conto de fadas (cinco a oito ou nove anos), Idade da história ambiental e da leitura factual (de nove a doze anos), Idade da história de aventuras (de doze a quatorze ou quinze anos) e Os anos de maturidade (de quatorze aos dezessete anos).

³ Os estudantes do segundo segmento do Ensino Fundamental, idealmente, apresentam-se na idade entre 11 e 15 anos. Entretanto, alguns estudantes podem ser mais velhos.



interesse pelo mundo interior e pela descoberta desse mundo interior. São fases de leitura psicológica, mais voltadas para as sensações.

Considerando esse estudo, foi possível pressupor um perfil de leitor. E, a partir disso, selecionar alguns contos de Clarice Lispector para as atividades aqui propostas. Os contos selecionados apresentam personagens cujas experiências – conflitos, sentimentos e ações – se assemelham às experiências dos leitores público-alvo deste trabalho, daí a predominância de narrativas que têm jovens como personagens protagonistas. Inclusive, nessas narrativas, os personagens não têm nomes, o que contribui ainda mais para uma possível identificação.

Além disso, a leitura dos contos de Clarice Lispector na sala de aula torna-se pertinente, uma vez que eles são um espaço de manifestação da narrativa em processo. Sua escritura favorece a recepção, procedimento que é possível perceber nas marcas discursivas ou nos vazios do texto e que, segundo Zumthor (2014), “se produz em circunstância psíquica privilegiada: performance ou leitura. É então e tão somente que o sujeito, ouvinte ou leitor, encontra a obra; e a encontra de maneira indizivelmente pessoal” (ZUMTHOR, 2014, p. 53).

Sua escritura também provoca e impõe a participação do leitor uma vez que se caracteriza fundamentalmente pela incompletude e intensamente pela interação verbal que se forma entre enunciador e enunciatário. Ainda segundo Zumthor, “comunicar (não importa o quê: com mais forte razão um texto literário) não consiste somente em fazer passar uma informação; é tentar mudar aquele a quem se dirige; receber uma comunicação é necessariamente sofrer uma transformação” (ZUMTHOR, 2014, p. 53).

A leitura da narrativa de Clarice Lispector tem um teor provocativo que desperta curiosidade, como afirma Lucia Helena (1997) ao dizer que sua obra “apresenta um valioso acervo de questões provocadoras, numa reflexão que toma o estar-no-mundo como halo configurador de uma ambiência subjetiva e indagadora que nos provoca a vontade de investigação” (HELENA, 1997, p. 37), além de permitir ao leitor perceber o jogo de identidade-alteridade. Ao conhecer o outro, o leitor se percebe enquanto diferente e, ao mesmo tempo, é possível que se identifique com os conflitos e angústias ali presentes. Essa identificação por parte do leitor pode ser importante para o jovem leitor, considerando a faixa etária a que se propõem essas atividades, uma vez que esta é uma fase de busca por autoconhecimento e repleta de descobrimentos. Assim, além de construir diálogos com a leitura, os contos de



Clarice Lispector podem provocar encontros e confrontos pessoais e, a partir disso, gerar reflexões que, por sua vez, podem gerar descobertas.

Descrição da escola

As atividades foram realizadas em 2017 com cerca de vinte estudantes da Escola Municipal Frei Gaspar, localizada no município do Rio de Janeiro, no bairro Vargem Grande, Zona Oeste da cidade, inscritos no curso de extensão *Eu, escritor... a arte de ler, pensar, refletir, saborear, produzir...*

A escola atende alunos do 1º ao 9º ano do Ensino Fundamental, entretanto o curso era oferecido apenas aos estudantes matriculados do 6º ao 9º ano. Os discentes, em sua maioria, eram moradores das comunidades Terreirão, César Maia e Canal do Rio Morto, e tinham entre 12 e 15 anos.

Todos os alunos se mostraram interessados nas atividades do curso e participaram ativamente das atividades aqui descritas, tanto nos momentos de leitura quanto nos momentos de produção escrita, apesar de nem todos terem o costume da prática de leitura e escrita fora da sala de aula.

O *Eu, escritor...* é um curso de extensão vinculado à Faculdade de Educação da UFRJ e ao Grupo de Ações de Ensino, Extensão e Pesquisa – Fórum de Ensino da Escrita (GRAFE), coordenado pela Prof^ª. Dr^ª. Alessandra Fontes C. da Rocha (UFRJ) e pelo Prof. Dr. Washington Kuklinski (SME-RJ). O curso tem como principal objetivo que os estudantes percebam a leitura e a escrita de forma inovadora e criativa em sala de aula, desenvolvendo práticas sociais e lúdicas para a leitura e a escrita. Dessa forma, viu-se neste curso um espaço propício para pôr em prática as atividades propostas.

Descrição da experiência

Cada atividade é composta por um momento pré-textual, no qual há uma introdução do assunto na tentativa de despertar a curiosidade dos estudantes para receberem o texto



literário; um momento textual, que é a leitura do texto, análise e discussão; e o momento pós-textual, no qual há uma proposta de produção escrita criativa⁴.

Desta forma, a primeira atividade posta em prática com os estudantes foi com o conto “Cem anos de perdão”. Primeiro, o encontro foi iniciado com uma breve apresentação da autora e de sua escrita. Em seguida, partiu-se do título do conto, com o objetivo de despertar a curiosidade dos estudantes para a leitura. Foram realizadas algumas perguntas, relacionando o título ao ditado popular “ladrão que rouba ladrão tem cem anos de perdão”; foi questionado se eles conheciam esse ditado, se sabiam o significado e se concordavam ou não com ele. Após essa breve discussão inicial, foi feita a leitura compartilhada do conto. Com a leitura do texto feita, iniciou-se uma discussão sobre a temática e sobre a simbologia presente no texto, relacionada à iniciação da menina à vida sexual, sugerindo sucessivos defloramentos a partir das metáforas com as rosas, a cor vermelha e o sentimento de culpa da protagonista.

De acordo com Kleiman (2002), “é durante a interação que o leitor mais inexperiente compreende o texto: não é durante a leitura silenciosa, nem durante a leitura em voz alta, mas durante a conversa sobre aspectos relevantes do texto” (KLEIMAN, 2002, p. 24). Assim, foram realizadas algumas perguntas sobre o texto, provocando-os e abrindo um espaço para que eles refletissem, fizessem suas observações e apontamentos. A princípio, conversamos sobre os acontecimentos descritos na narrativa, buscando perceber o entendimento deles sobre o conto. Em seguida, aprofundamo-nos e partimos para os sentidos construídos a partir dessa leitura. Nesse momento, os estudantes compartilharam as relações que estabeleceram do texto com suas próprias experiências e seus conhecimentos, produzindo sentido para o ato de ler.

Após todo este trabalho com o texto literário, já que o conto “Cem anos de perdão”, é, basicamente, um relato da narradora sobre algo que fazia quando criança, foi proposto uma dinâmica sobre memórias da infância. Em roda, um estudante sorteava um tópico (um medo, um lugar, uma lembrança feliz, uma lembrança triste, por exemplo) e, a partir dessa frase, contava uma lembrança de sua infância. Eles pareciam animados em compartilhar suas

⁴Como resultado das atividades aqui descritas, apresentarei, ao final desse artigo, em anexo, algumas das produções escritas feitas pelos estudantes em sala de aula durante as atividades com os contos de Clarice Lispector.



memórias e até se estendiam contando outras memórias à medida que iam recordando. Após retomarem diversas situações do passado, foi proposto que os estudantes escolhessem pelo menos uma dessas memórias e, assim como a narradora do conto “Cem anos de perdão”, criassem também um conto a partir dessa lembrança (anexo 1).

A segunda atividade realizada foi com o conto “Uma esperança”. O encontro foi iniciado com uma breve discussão acerca dos momentos de grande violência que estamos enfrentando atualmente em nosso país e, principalmente, na cidade do Rio de Janeiro, a fim de contextualizar a temática proposta. A partir daí, foi possível relacionar esses acontecimentos às nossas reações e, conseqüentemente, às nossas emoções. Os estudantes comentaram, assim, sobre como eles se sentiam nessa situação e vários sentimentos foram surgindo, como por exemplo: medo, angústia, insegurança. A princípio, apenas sentimentos ruins foram comentados. Até que, juntos, chegamos ao assunto esperança. Discutimos sobre esse sentimento, sobre o que ele significa e sobre sua importância.

Com isso, partimos para o texto e sua análise, seguido da discussão sobre o conto. Conversamos sobre as duas esperanças que aparecem no conto: o inseto e o sentimento. Muitos não conheciam o inseto, o que fez com que eu levasse uma imagem do mesmo para lhes apresentar. Debates sobre o papel desse inseto no conto, sobre a metáfora construída a partir dele e do sentimento esperança, de modo a refletirmos sobre como a forma de perceber o mundo muda com o amadurecimento. Eles, enquanto crianças e pré-adolescentes, verbalizaram que se identificaram com o personagem mais jovem do conto, que possui uma visão mais otimista. Assim, produzimos sentido para a leitura, pois os alunos conseguiram relacioná-la a seus pensamentos, ideias e sentimentos.

Após, foi proposto que os estudantes se expressassem, através de um poema, uma campanha publicitária ou uma história em quadrinhos (anexos 2-4), sobre a importância de se ter esperança em meio às situações de caos e barbárie em que estamos vivendo.

Na terceira e última atividade proposta, trabalhamos o conto “Felicidade clandestina”. Como atividade pré-textual, foram apresentadas algumas imagens que representavam família, amigos, amor, liberdade, dinheiro etc. A partir dessas imagens, foi conduzida uma discussão com os estudantes sobre o que cada uma das imagens representava para eles. Diversos comentários surgiram sobre a felicidade que eles sentem na companhia de pessoas



queridas, família, amigos; a felicidade a partir de bens materiais que o dinheiro proporciona; a presença da felicidade nos momentos simples e nos momentos de liberdade.

A partir dessa conversa com os estudantes sobre felicidade, realizamos a leitura compartilhada do texto e, em seguida, a discussão acerca da temática do conto e sua análise. Nesse momento, discutimos sobre a saga da protagonista para alcançar o que desejava e sua felicidade ao consegui-lo. Eles compartilharam suas experiências semelhantes a essa, sobre dificuldades em se ter o que se deseja ou até mesmo o que se precisa. Comentaram sobre a felicidade ser algo relativo e como a leitura do conto os fez pensar em seus próprios objetos de desejo. Assim a imaginação teve papel importante no processo de leitura, visto eles começarem a devanear sobre como a vida seria com esses objetos de desejo.

Após, foi proposta a atividade “Felicidade é...”, na qual os estudantes produziram um texto sobre o que é felicidade para eles. Como resultado, tivemos poemas e relatos (anexos 5 e 6). Em seguida, sugeriu-se que eles trocassem os textos entre si e que cada um completasse o texto do colega, respeitando o tipo e o gênero de texto escolhidos pelo autor inicial. Desta forma, eles tiveram contato com os textos escritos pelos colegas, ou seja, outro tipo de escrita. Ao final do encontro, eles destrocaram os textos e apresentaram suas criações para a turma.

Como se pode perceber, o trabalho com esses contos de Clarice Lispector e com suas temáticas proporcionou discussões sobre alguns assuntos, como a esperança, o perdão, a culpa e a felicidade que, geralmente, não têm muito espaço na sala de aula, apesar de serem tão presentes na vida de todos. Assim, foi possível que os estudantes se expressassem e compartilhassem esses sentimentos tanto de forma oral, como também durante suas produções escritas. Aliás, é essa vivência do texto em grupo que pode capacitar o leitor para a descoberta do significado do texto e das relações sociais dentro e fora da sala de aula. Na sala de aula, normalmente, a emoção, o sentimento e a afetividade não são considerados relevantes para a formação do jovem e para a convivência em grupo. Deste modo, explorar



essas temáticas presentes no texto pode servir, dentre várias outras funções, para resgatar a emoção e afetividade dentro e, conseqüentemente, fora da sala de aula.

Avaliação dos resultados

Como o objetivo principal das atividades aqui propostas é despertar o interesse dos estudantes do segundo segmento do Ensino Fundamental pela leitura literária, após a realização das atividades aqui descritas, elaborei e propus que os estudantes respondessem a um questionário, a fim de investigar como foi a experiência deles ao lerem e trabalharem com os contos de Clarice Lispector, além de coletar algumas informações sobre o perfil leitor desses jovens.

O questionário era composto por quatorze questões, das quais sete eram questões que buscavam caracterizar esses jovens enquanto leitores e as outras sete questões sobre a experiência do contato com os contos de Clarice Lispector. Não foi solicitado que os estudantes se identificassem para que, assim, se sentissem mais à vontade em suas respostas.

Esse questionário foi aplicado a nove estudantes que participaram das atividades em sala de aula. Dos nove, apenas dois responderam que não têm o costume de ler por conta própria, ou seja, não têm o hábito de fazer leituras fora da escola, sem a indicação/exigência do professor. Entretanto, pelo número de leituras que eles responderam já terem feito, pode-se concluir que, apesar de já terem feito leituras também por conta própria e de terem sido leituras completas, nem todos leem com tanta frequência. Além disso, os autores que a maioria desses estudantes costumam ler são autores de *best-sellers*, como John Green, Cassandra Clare, J.K. Rowling e Suzanne Collins. A literatura brasileira foi pouco mencionada. A partir dessas questões da primeira parte do questionário, foi possível conhecer um pouco do perfil leitor desses jovens.

Na segunda parte do questionário, buscou-se saber como foi a experiência desses estudantes com os contos de Clarice Lispector. Todos responderam que gostaram dos contos trabalhados e algumas das justificativas foram: “Porque são textos interessantes”⁵ (anexo 13); “Porque tem toda uma história por trás” (anexo 8); “Porque me fez refletir” (anexo 9). Os temas

⁵Todos os trechos retirados do questionário foram transcritos sem alterações gramaticais.



presentes nesses contos, por serem sentimentos e, assim, comum a todos, costumam interessar, além de gerar boas reflexões. Inclusive, são temáticas que transitam no tempo, justamente por fazerem parte da natureza humana, como reconheceram alguns estudantes ao opinarem sobre o que acharam desses temas: “Sim, muito haver com a temática de hoje em dia” (anexo 8); “Achei os textos atemporais”(anexo 13).

A maioria dos estudantes gostou das discussões realizadas antes e após a leitura dos textos, alegando que esses momentos contribuiriam para o melhor entendimento dos contos, além de possibilitarem que eles compartilhassem suas opiniões e tivessem outros pontos de vista sobre os textos: “São legais, pois assim entendemos mais o texto e damos nossa opinião” (anexo 12); “Muito boas, refletir nunca é demais” (anexo 9); “bem legal, porque dá pra perceber coisas que eu não tinha percebido ainda ou até ver outros pontos de vista” (anexo 10); “Eu achei muito informativo e me fez abrir os olhos para esse tipo de leitura” (anexo 7). Aliás, a maioria dos estudantes que respondeu ao questionário alegou não ter tido dificuldades durante a leitura dos contos. Os que tiveram, responderam que suas dificuldades foram por conta da leitura oral proposta, por questões relacionadas à timidez, nervosismo. Desta forma, as discussões antes e após as leituras dos contos contribuiriam para um resultado positivo em relação à compreensão desses contos, de sua linguagem, bem como para a reflexão de suas temáticas.

Alguns estudantes, quando perguntado se se identificaram com algum personagem ou situação presente nos contos, responderam que sim e por diferentes motivos: “Eu me identifiquei com o conto ‘Felicidade clandestina’. Já ouvi muitas pessoas dizendo que sou persistente” (anexo 7); “ ‘Uma esperança’, pois tenho um problema que é colocar muita esperança nas coisas que acabam não sendo o que eu esperei” (anexo 11); “A mãe, porque ela meio que não tinha esperança mas o filho a ajudou com isso, as vezes me sinto assim mas meus amigos me ajudam” (se referindo ao conto “Uma esperança”) (anexo 10). Uns se identificaram com a temática do conto, outros com alguma personagem. Ou seja, de alguma forma, os estudantes se identificaram com os temas presentes nos contos ou com algum personagem e seus conflitos, se tornando, assim, capazes de se aproximar do texto.

Na questão que indaga sobre a sensação deles ao ler um texto literário, uma das respostas foi: “A sensação é de sair do nosso mundo e viajar por lugares impossíveis, maravilhosos e as vezes mais felizes que o próprio mundo real” (anexo 12), essa resposta



dialoga diretamente com Antonio Candido em “O direito à literatura”, ao dizer que “A literatura é o sonho acordado das civilizações” (CANDIDO, 2011, p. 177). É um escape do caos em que vivemos, logo, traz satisfação. É algo a mais que precisamos, não por questão de sobrevivência, mas porque nos satisfaz, como definiu outro estudante sobre a sensação ao ler um texto literário: “Sinto felicidade” (anexo 8).

Ao final do questionário, todos os estudantes responderam que leriam, sim, futuramente, outros contos da autora e os motivos são diversos: “Porque ela é uma escritora muito interessante” (anexo 13); “Porque os texto dela são muito empolgantes” (anexo 8); “Os contos dela são legais e abordam varios temas interessantes” (anexo 10). Desta forma, pode-se concluir que os estudantes gostaram e se interessaram pelos contos e suas temáticas. Um dos jovens ainda respondeu que leria, sim, “Porque me fizeram gostar de conto” (anexo 7). Ou seja, foi “fisgado” pelos contos da autora e agora, quem sabe, estará mais aberto a outros contistas, dando chance a esse gênero que, como disse Cortazar (1974), “é uma máquina literária de criar interesse” (CORTAZAR, 1974, p. 124).

Considerações finais

O trabalho com o gênero textual conto, no caso os contos de Clarice Lispector, faz-se conveniente como instrumento de incentivo à leitura, de forma que suas especificidades podem atender aos interesses dos estudantes. Assim, pode-se concluir, a partir do questionário e das produções escritas dos estudantes, que o trabalho com esses contos na sala de aula foi bem válido, uma vez que eles ficaram interessados e se sentiram estimulados em suas produções escritas.

O objetivo não era que os estudantes, após essas atividades, se tornassem leitores literários assíduos ou escritores, mas que essas leituras literárias despertassem neles interesse para que, futuramente, se sintam motivados a fazerem novas leituras, assim como as propostas de produção escrita visam estimular esses estudantes à escrita criativa, mostrando que essa modalidade pode ser uma forma interessante de fortalecer e ampliar seus conhecimentos. Formar leitores literários é um processo e, por isso, requer tempo. Foi



possível perceber que não será de um dia para o outro que esse objetivo será alcançado, mas, com o tempo e propostas efetivas, é possível vencer este desafio.

Entretanto, apesar de ser uma tarefa que exige bastante, ao assumir a condição de construir a prática de leitura do estudante, o docente garante aos jovens uma formação com grande imaginação e amplos recursos linguísticos. A leitura literária amplia os horizontes do leitor, uma vez que reflete, de forma criativa e extensa, o mundo. Ler é humanizar-se, reconhecer-se. A literatura pode não mudar o mundo, mas é a partir dela que nos tornamos capazes de refletir sobre o caos em que vivemos e, a partir disso, humanizarmo-nos e nos libertarmos. Além de ser uma das condições para o ensino Língua Portuguesa ser mais de significativo, ela promove o crescimento do estudante como leitor literário, como leitor de si mesmo, do outro e do mundo.


Referências

- BAMBERGER, R. **Como incentivar o hábito de leitura**; tradução de Octavio Mendes Cajado. 3 ed. São Paulo: Ática: 1987.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais – Língua Portuguesa Ensino Fundamental**. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- CANDIDO, Antonio. *O direito à literatura*. In: **Vários escritos**. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011, pp. 171-193.
- CORTÁZAR, J. “Poe: o poeta, o narrador e o crítico”. In: **Valise de Cronópio**. Trad. de Davi Arrigucci Júnior. São Paulo: Perspectiva, 1974. pp. 103-46.
- COSSON, R. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2009.
- HELENA, L. **Nem musa, nem medusa: itinerários da escrita em Clarice Lispector**. Niterói: EDUFF, 1997.
- KLEIMAN, A. **Oficina de leitura: teoria e prática**. 9. ed. São Paulo: Pontes, 2002.
- LISPECTOR, Clarice. **Todos os contos**. (Org.) Benjamim Moser. 1 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2016.
- SÁ, O. **A escritura de Clarice Lispector**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1979.
- ZUMTHOR, P. **Performance, recepção e leitura**. São Paulo: Casac Naify, 2014.



ANEXO 1

(Algumas das produções escritas realizadas pelos estudantes nas atividades)


04 ♥ 08 ♥ 17

Azul do mar

Tarde de Domingo quando eu estava esperando minha mãe voltar do trabalho como sempre vejo algo diferente em suas mãos, achava que era uma comida ou algo assim, mas quando ela chegou mais perto percebi que ~~se~~ na verdade se tratava de um peixe. De primeiro pensei "Um peixe? Que idiota", mas na verdade, mal sabia eu que em pouco tempo iria me apegar nele.

Ter ele em casa me deixou bem, e feliz, uma sensação boa. ~~Então~~ Então, depois de 5 meses com a gente veio o primeiro susto, ele acabou pulando do aquário, chegamos, por sorte, na hora certa, e conseguimos ~~salvamos~~ salvá-lo.

Férias de Dezembro chegam, como de costume, vamos para o Pernambuco, e ~~o~~ ~~o~~ "Blue" como era chamado, ficou na minha tia, estava com uma sensação estranha, mas fui mesmo assim, depois de alguns dias, a notícia chega, Blue acabou morrendo, e um rago inexplicável ficou em mim.



ANEXO 2



ANEXO 3

A "esperança!"

A esperança é um Sentimento que Você pensa, e cuida como fosse uma aliança

Ela preserva Amor, Você se sente uma Flor.

Ela desce da Escada, e deita na caçuda

Não se esqueçam dela
Ela é uma Cinderela



ANEXO 4

VOCÊ SENTE
SAUDADE DE
ANDAR NA
RUA TRANQUILA?
VOCÊ GOSTARIA
DE VOLTAR A
ANDA NO ÔNIBUS
UTILIZANDO O
CELULAR?

Tenha esperança!



ANEXO 5

Felicidade é...

Felicidade

é

Você

Procurar

Você

letra

so

um

que

saiba

Onde

e

em

quem

encontra

felicidade

talvez

não

seja

real,

apenas

mais

um

modo

de

sobreviver

a

realidade...



ANEXO 6

Felicidade é...

Felicidade pra mim é, ir dormir tarde
conversando com os amigos e acordar
mais tarde ainda, comer sua comida
preferida, uma sobremesa, assistir
a um filme coberta em dia frio,
dormir ouvindo o barulho da chuva.
Felicidade são as pequenas coisas que você
faz ou fazem por você e você se sente feliz
com aquilo, independente de onde, quando e como



ANEXO 7

(Questionário aplicado aos alunos após as atividades)

Questionário referente ao trabalho com os contos *Cem anos de perdão*, *Uma esperança* e *Felicidade Clandestina* de Clarice Lispector na sala de aula.

- ❖ Você tem o costume de ler por conta própria ou apenas leituras exigidas por professores?

Sim por conta própria

- ❖ Quantas leituras você já fez por conta própria? E para a escola?

±15. 9

- ❖ Quais autores você já leu?

Paulo Buchsbaum

- ❖ Foram leituras completas?

Sim () Não

Por quê?

Porque eu não consigo começar um livro e não acabar

- ❖ Qual gênero textual você mais gosta de ler?

Todos menos romance.

- ❖ Para você, qual a sensação ao ler um texto literário?

Eu gosto bastante, pelo atencão nos detalhes.

- ❖ Quais assuntos mais interessam você em uma leitura?

Cenas de suspense

- ❖ Você gostou dos contos *Cem anos de perdão*, *Uma esperança* e *Felicidade clandestina*?

Sim () Não

Por quê?

Porque são textos interessantes

- ❖ O que você achou das temáticas (os assuntos) dos contos?



Eu achei os histórias e as reflexões que fizemos
muito interessantes e legal.

❖ Qual dos três contos lidos você gostou mais? Por quê?

100 anos de perdão. Os desenrolar da história e
a conexão com o personagem me entusiasmaram.

❖ Você se identificou com alguma personagem ou com alguma situação/conflito
presente nos contos?

Sim () Não

Caso sim, qual? Por quê?

Eu me identifiquei com o conto Felicidade Quando
tinha aqui dentro muitas pessoas dizendo que não
existia.

❖ Você teve alguma dificuldade durante a leitura?

() Sim Não

Caso sim, qual/quais?

❖ O que você achou das discussões que fizemos antes e após as leituras dos contos?

Eu achei muito informativo e me abriu as
olhos para esse tipo de leitura.

❖ Se tivesse a oportunidade, leria outro conto de Clarice Lispector?

Sim () Não

Por quê?

Porque me fizeram gostar de conto.

